

CULTURA POPULAR CAPIXABA**Lauro Santos: o cantador da história de S. Mateus**

O centenário Porto de São Mateus, depois de anos de abandono e omissão, começa a ser recuperado. A primeira casa reconstruída vai ser utilizada pela Lira Mateense. A segunda será para o Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, que lá pretende montar a Casa da Memória do Porto de São Mateus.

Personagens do legendário sítio, berço da cultura popular capixaba, deixarão depoimentos sobre o Porto, como este de Lauro Santos, "cantador" da história daquela região.



Diante das ruínas do Porto, Lauro Santos na última foto feita com o tocador de rebeca Rosalvo, hoje falecido

Graciano Dantas

A GAZETA — Qual era o comércio básico aqui do Porto de São Mateus?

Lauro Santos — O básico eram os cereais. Por exemplo: o que tinha mais valor era o café, logo depois da madeira. Depois vinha a mamona, a abóbora, o feijão, a farinha quase não tinha valor, era dois mil réis o saco.

A GAZETA — Mas esse comércio devia ser bastante intenso...

Lauro Santos — Mas é lógico. Aqui transitava navios, vogas, flutuantes, jangadas, balsas, canoas nesse rio atravessando gente pra lá e pra cá. O movimen-

to era muito grande, ganhando aposentado do Estado, ganhando mixaria, morreu na miséria. Era um grande maquinista, trabalhava na máquina nº 4.

A GAZETA — Nessa época, qual era o cabaré mais importante aqui no Porto de São Mateus?

Lauro Santos — Tinha muitos. Três eram importantes. Não tinha um mais do que o outro, não. O Clube daqui chamava-se Rosedá, era numa casa que caiu ali. Era o melhor carnaval que tinha aqui, era melhor do que os clubes lá de cima. Aqui no Rosedá era cheio de mulheres bonitas, tinha os marinheiros, aquele povo todo, com cinco navios atracados aqui

talento como gigante/ Mas depois nada foi adiante/ Constituído de trem de ferro, voga e flutuante/ Aqui está o velho Porto, que ontem teve/ Esperando pelo tempo com tanta promessa e nada vem/ Mas isso são palavras minhas sagradas/ Tudo na vida se acaba, mas ainda resta uma esperança/ Seu nome ficou na história, o passado como lembrança/ O que era o velho porto, hoje não passa de grande ruína/ Feito com braço forte e com ajuda da mão divina/ Sua casas caíram, os trapichos abandonados/ Mas aqui já teve coisa linda/ Porque

poitiquê, e ela dizia: "é pra não faltar terra na cova dele". Quando o enterro chegava na curva do caminho, todo mundo se escondia dentro de casa. Minha mãe dizia que era porque se ficasse alguém na janela vendo o defunto sumir na curva, ele ia pensar que tinha gente com dó dele e voltava para levar outro. Morria mais gente. Só ficava quem levava o varão com o corpo. Quando o enterro passava por uma casa, quem levava a rede falava: "socorro, irmão das almas". Aí aparecia um outro para pegar no varão e aquele outro que

uma das maiores canoas). Tinha os canoeiros que vinham nessas canoas: Ramiro, Risolono, Teófilo e Alacrim. Eram os canoeiros certos dessas canoas. Eles já eram práticos em trazer essas canoas cheias de café até aqui no Porto. Eram dois varejistas (que trabalhavam com o varão) um proeiro e um popeiro. Para descer o rio eram dois dias: pra subir demorava uma semana. Nessas viagens eles cantavam em dueto e todo mundo no rio saía de casa para ouvir eles cantarem. Eles cantavam mais ou menos assim: "Eu vou contar uma his-

Em São Mateus

o povo conta

sua história X

No norte do Estado, mais precisamente em São Mateus, está concentrado um dos mais importantes focos de resistência da cultura negra brasileira. Ali, onde durante a escravidão os negros mais se bateram contra a opressão branca, permanece em estado latente a cultura que os negros trouxeram da África, em todas as suas formas de expressão. Preservar essa cultura no seu estágio mais puro é a preocupação da comunidade local, agregada dentro do Centro da Cultura Negra do Vale do Cricaré.

O Centro da Cultura Negra, que por enquanto nem sede ainda possui, futuramente receberá uma das casas que estão sendo recuperadas pelo Departamento Estadual de Cultura no Porto de São Mateus. O movimento cultural negro no norte do Estado está intimamente ligado à história do porto. Por isso, na nova e primeira sede que terá, o Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré pretende criar a Casa da Memória do Porto. "Não será um museu", garante Maciel de Aguiar, um dos dirigentes do Centro. A idéia é criar um local onde personagens da história da região possam deixar gravados seus depoimentos, relatando as fases dessa história que viveram, sem as falhas propositadas nem omissões geralmente cometidas por

mais valor era o café, logo depois da madeira. Depois vinha a mamona, a abóbora, o feijão, a farinha quase não tinha valor, era dois mil réis o saco.

A GAZETA — Mas esse comércio devia ser bastante intenso...

Lauro Santos — Mas é lógico. Aqui transitava navios, vogas, flutuantes, jangadas, balsas, canoas nesse rio atravessando gente pra lá e pra cá. O movimento todo era aqui em baixo, lá em cima era só moradia. Aqui a gente tinha quatro trapiches, que eram lugares apropriados para guardar cereais e também mercadorias que vinham de fora, como tecidos, ferramentais, sabão, querosene, carne seca, mercadorias que eram embarcadas no trem de ferro para as fazendas.

A GAZETA — Aqui tinha também estrada de ferro? O trem lá daqui pra onde?

Lauro Santos — O trem saía daqui pra Nova Venécia. Eram seis máquinas, da nº 1 a nº 6. Até morreu um maquinista um dia desses, o Alterino, não tem três meses que ele morreu. Morreu esquecido e pobre. Foi preciso o povo fazer o enterro dele.

aqui no Porto de São Mateus?

Lauro Santos — Tinha muitos. Três eram importantes. Não tinha um mais do que o outro, não. O Clube daqui chamava-se Rosedá, era numa casa que caiu ali. Era o melhor carnaval que tinha aqui, era melhor do que os clubes lá de cima. Aqui no Rosedá era cheio de mulheres bonitas, tinha os marinheiros, aquele povo todo, com cinco navios atracados aqui só dava eles. Nego bom de pistão, de saxofone. Aí foi se acabando tudo. A comunidade disse que as mulheres não podiam ficar mais aqui, tocaram elas pra outro lugar, então foi acabando tudo.

A GAZETA — Qual foi a época que o Porto viveu esse movimento todo?

Lauro Santos — Isso aconteceu em 1925, 1930 até depois de 1950, quando o movimento começou a acabar. Então, eu que vivi isso tudo, fiz um poema aqui pro Porto de São Mateus que ninguém fez e nem pode. Diz assim: Eu vou cantar esse poema do velho Porto de São Mateus/ Que ontem era um mar de rosas/ E hoje tá metendo muito é medo/ Aqui tinha muita palmeira, muito

vem/ Mas isso são palavras minhas sagradas/ Tudo na vida se acaba, mas ainda resta uma esperança/ Seu nome ficou na história, o passado como lembrança/ O que era o velho porto, hoje não passa de grande ruína/ Feito com braço forte e com ajuda da mão divina/ Sua casa caíram, os trapichos abandonados/ Mas aqui já teve coisa linda/ Porque foi fundado por jesuítas, escravos, jangada e o navio Olinda/ Agora vou lembrar, de muita gente que aqui estiveram/ Eugênio Neto, Argeu Coelho, Carneiro Sobrinho, Deodoro dos Santos/ Hoje se encontra tudo lá no seu canto, no cemitério/ Eu também vou falar um pouco sobre a mocidade/ Que anda por aí tudo, mas tem que conhecer a realidade/ Quando ver uma coisa antiga/ Respeite mais a sua idade/ Com muito carinho e amizade/ Porque a soma do passado é um grande espelho da saudade/ Para completar, eu vou encerrar tudo/ Falando para o senhor governador, homem capaz, de grande valor/ Então olhe para o nosso Porto, que a nossa antiga cidade criou/ Talvez um dia, ele resolve nos ajudar/ Se isso acontecer, senhor governador/ A recompensa de Deus um dia terá/ Que assim seja".

Lauro Santos — Isto é obra minha, eu fiz para o Porto, fiz sem dever nada a ninguém, não fiz dizendo: "tem que rimar aqui", não. Eu fiz uma outra poesia para Vila Velha. Eu nunca fui lá, só vejo falar, nunca fui no Convento da Penha. Só vi o convento de longe, de Carapina.

A GAZETA — Como é a "incelença" que você canta?

Lauro Santos — Até hoje ainda existe a incelença: Morre uma pessoa aqui no norte do Espírito Santo, então eles rezam a "incelença" a noite toda. O dono da casa é obrigado a dar cachaça e comida a todo mundo até o dia amanhecer, quando então o povo todo vai até o cemitério. A casa mais perto do cemitério fica a seis quilômetros. Então, durante a noite, pra ninguém dormir cheio de cachaça, a gente reza, canta e bate no defunto, que é pra ele não pesar nas costas da gente. Porque ele é carregado no varão. Eu mesmo já ajudei a bater em muito defunto. A gente dá um couro nele e canta assim: "uma incelença rodando/acabou com Nossa Senhora/Pega a alma do falecido/Que nos entregamos agora"... Todo mundo cantava em dueto, até o corpo sair. Quando ele saía, dava duas rodadas no terreiro, a sim. E todo mundo jogava um punhado de terra em cima. Eu perguntava pra minha mãe,

ficasse alguém na janela vendo o defunto sumir na curva, ele ia pensar que tinha gente com dó dele e voltava para levar outro. Morria mais gente. Só ficava quem levava o varão com o corpo. Quando o enterro passava por uma casa, quem levava a rede falava: "socorro, irmão das almas". Aí aparecia um outro para pegar no varão e aquele outro que largava se escondia em casa".

A GAZETA — Como é aquela música que você fez sobre as vogas que transportavam mercadorias aqui pelo rio Cricaré?

Lauro Santos — As vogas eram o seguinte: eram grandes canoas que puxavam cereais daqui do interior até onde o rio não tinha cachoeira. A primeira cachoeira do braço sul é a cachoeira do Cravo. E a primeira do braço norte é a Valão do Mato. No braço norte, quem tinha canoa voga era Hernani Atanásio, e no braço sul, quem tinha voga era o barão Cunha, Constantino Così e os Andrades, Manoel Andrade, Manduca Andrade. Agora, as vogas tinham nome: Estrela do Norte, Vale Maior, Mercúrio, Vênus, Planeta (a planeta era

praticos em fazer essas canoas cheias de café até aqui no Porto. Eram dois varejistas (que trabalhavam com o varão) um proeiro e um popeiro. Para descer o rio eram dois dias: pra subir demorava uma semana. Nessas viagens eles cantavam em dueto e todo mundo no rio saía de casa para ouvir eles cantarem. Eles cantavam mais ou menos assim:

"Eu vou contar uma história/ Das bandas do cachoeiro/ Ele é funcionário/ E de janeiro a janeiro/ Os canoeiros cantavam assim/ Ê, ê, ê, vou embora morena/ Você vai mais eu/ Madame/ Eu sei dessa história/ Que meu pai me dizia/ Ela descia com cereais/ E subia com mercadoria/ E os canoeiros cantavam assim/ Ê, ê, ê, vou embora morena/ E você vai mais eu/ Madame".

Lauro Santos — Isso foi eu que fiz. Eles cantavam naquela época uns versos e eu consertei a música. Eles cantavam tudo adoidado, uns versos mais ou menos assim: "Lá de cima me mandaram/ Um lenço dar ao meu amor/ Cada porto um suspiro"... Cantavam uns versos assim. E eu consertei, botando "os canoeiros cantavam assim".

garante Maciel de Aguiar, um dos dirigentes do Centro. A idéia é criar um local onde personagens da história da região possam deixar gravados seus depoimentos, relatando as fases dessa história que viveram, sem as falhas propositadas nem omissões geralmente cometidas por historiadores oficiais.

Negros cantadores de folgedos populares relatarão as lutas que seus antepassados travaram com o branco opressor. Até hoje isso é feito em seus cantos e danças, como o Jongo, o Congo, etc. As prostitutas, que durante mais de meio século mantiveram de pé os velhos casarões do porto, também alimentarão esse acervo. Quem viveu a história de São Mateus, como o cantor e poeta popular Lauro Santos (veja depoimento ao lado), contará a história do berço da cultura popular capixaba.



A história do Porto de São Mateus tem uma versão popular nos versos do violeiro e cantor Lauro Santos



Durante o Projeto Muqueca, no Carlos Gomes, Lauro Santos e o tocador de rebecka Rosalvo: um show de cultura popular capixaba

COMPUTADORES CURSO DE PROGRAMAÇÃO IBM

- LINGUAGEM COBOL E RPG PARA COMPUTADORES IBM, BURROUGHS E EDISA.
 - ESTÁGIO GARANTIDO PELA DATAVALE E CESPROD
 - CERTIFICADO DE PROGRAMADOR DE COMPUTADOR.
 - AULAS TEÓRICAS E PRÁTICA EM UM COMPUTADOR IBM.
 - TURMAS SOMENTE AOS SÁBADOS:
 - DAS 08:30 às 12:30 hs.
 - DAS 14:00 às 18:00 hs.
 - CARGA HORÁRIA: 140 HORAS
 - DURAÇÃO DO CURSO: 06 MESES.
 - INÍCIO DAS AULAS: 29.03.82.
 - TAXA DE INSCRIÇÃO: Cr\$ 4.000,00
- mais - 06 x Cr\$ 4.000,00, já incluído todo o material didático

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NO
CESPROD PROCESSAMENTO DE DADOS.
Rua Anselmo Serrat 199 - Vitória
TELEFONE: 223.7966



Promoção:
DATAVALE
PROCESSAMENTO
DE DADOS

E
CESPROD
PROCESSAMENTO
DE DADOS

